



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://colouquio.gulbenkian.pt>

Nocturnal, desatraindo o som; Da solidão da luz em descrição de olhar; Quase soneto e de amor; Estados da matéria

Ana Luísa Amaral

Para citar este documento / To cite this document:

Ana Luísa Amaral, "Nocturnal, desatraindo o som; Da solidão da luz em descrição de olhar; Quase soneto e de amor; Estados da matéria", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 184-187.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

NOCTURNAL, DESATRAINDO O SOM

Em cima desta mesa, a luz acesa
Dá-me a medida exacta desta noite:
Fria chuva de Junho, a gata que me espia
Ali do corredor, e me vigia um sono
Que não vem.

Espera-me, de olhos que são
Como gumes de espada, e um pêlo
Acetinado e muito doce,
Espera-me, como amante.

São quentes os meus pés,
Quando chegar a hora e ela vier
Deitar-se ao fim da cama.

É quente o cobertor,
Que esta noite de Junho, em chuva e fria,
Na noite convocou.

Vou apagar a luz. Sair da mesa.
Ela aguarda. E eu vou —

DA SOLIDÃO DA LUZ
EM DESCRIÇÃO DE OLHAR

A casa em ruínas que vejo daqui
salta da janela, entra nesta sala,
mas não tem janelas que a façam brilhar,
as molduras rotas carregadas de ar,
as portas cobertas da hera mais pura,
as telhas brilhantes de ausência de cor,
e um buraco imenso onde o coração
devia luzir, se as ruínas não —

Morre devagar, como o universo,
galáxias e mares de estrelas e sóis:
política rara sem reis nem senhores,
mas tenso equilíbrio de forças sem luz.

Morrem devagar o tempo e os livros,
as estantes todas que habitam a sala:
pobre microcosmo do Bem e do Mal,
e do que nem isso, que é o mais vulgar.

Lembra-me, escarlate, só pela memória,
um livro maior de forças a sério:
o claro e o escuro de um igual terror.

À casa em ruínas salvam-na essas asas
que vejo daqui, saltam da janela
e entram nesta sala. Não são as do anjo,
mas têm nas penas um sistema hidráulico
que as faz oscilar e rasar os ventos.

Olham-me, sombrias, dentro de um futuro
liso e sem ruínas — só de um chão mais puro
onde a casa houve, de janelas rasas
carregadas de ar. Só ele é comum
ao anjo e a elas, elas cheias dele,
ele, transportado e oscilando em paz.

Quando for sem ser? Só um limpo instante
de equalizador: ruínas e ventos,

janelas e anjo, heras e senhores
em mudas frequências, enxutos os sons?

E um poço vazio onde o coração
foi visto bater: partícula igual
ao pó de um cometa que um dia rompeu,
devorando o ar. E a casa em ruínas
abrandada em tempo, vogando no branco
de resplandecentes seis sílabas. Sós.

; QUASE SONETO E DE AMOR !

Caminhas como vírgula encostada à página,
não como folha ou haste exclamativa.
Boa comparação seria esse soneto
de caminhar no solo, o 130,

aquele que se inclina no teu porte lento
e eu desejava em bela exactidão:
o mais correcto ponto de exclamação
em que a tua cabeça fosse aqui no solo

e os pés tocassem raso o que era ali no céu.
Mas falamos de página, não falamos de corpo
porque senão falava dos teus olhos,

e punha mais dois versos, e fazia-os rimar.
Diria «São perfeitos os teus olhos.
Porque voam —»

ESTADOS DA MATÉRIA

Não estamos em azul, nem em abril, nem é
o campo inglês, nem a luz atravessa o resto

do teu braço. Eros caiu sozinho de cansaço
de tanto tempo se encostar ao verso e não a ti.

Como se não chegasse este estado de drama,
o espelho na parede sofre de assimetria,

e descolou-se a jarra do seu espaço de fama:
estar no centro da sala, que é o que mais seduz.

Enterrou-se sozinha na terra do jardim
e é o sol que vê, em vez da luz do tecto,

e vive do avesso, como vive o teu braço,
suspensão deste verso separado do resto.

Não estamos em azul e ele perdeu as asas,
e com elas o vento em redor se perdeu.

E igual ao albatroz semi-assassinado,
num campo nem inglês voga agora o navio.

Mas nem isto é balada nem estão certas as sílabas
em poema que agora nem sólido, nem líquido.

Só o estado de drama ameaça fugir
para um estado maior — estado de sítio —